

SAÚDE

Homeopatia: demora fazer efeito?

ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO

Não! Não demora fazer efeito!
Esta é uma das dúvidas que a maioria das pessoas possui. Aqui vamos explicar a causa dessa errônea ideia.

Inicialmente, devemos esclarecer as diferenças entre o conceito de doença, especificamente a doença crônica, e o de cura, do ponto de vista alopatóico (tratamento tradicional) e do homeopático (tratamento pelo semelhante).

Para o profissional alopatóico, a causa da doença física está nas bactérias, vírus, parasitas, nas substâncias tóxicas, nos alérgenos, etc. As doenças são denominadas como: pneumonia, dermatite, nefrite, miocardite, etc. e são tratadas, na maioria das vezes, separadamente. Os sentimentos e emoções são considerados à parte e recebem, também, cuidados específicos. Assim, um paciente que apresentava insônia por uma tristeza profunda e hoje apresenta, também, pneumonia, receberá, além dos medicamentos que recebia para insônia, os recomendados contra a pneumonia. O desaparecimento dos sintomas de pneumonia significa, para o alopatóico e seu cliente, a cura, apesar dele continuar com a insônia por tristeza profunda. A insônia é "outra coisa" diferente da pneumonia, por isso tratada à parte. Assim, afirma-se que a cura foi rápida, mesmo que o paciente continue com a tristeza profunda e volte, meses ou anos após, com uma doença mais grave.

O profissional homeopata vê seu paciente como um todo. Não separa o físico do mental. A doença é uma só e tem como causa um desequilíbrio no "sentir", provocado por um fato que tenha ocorrido numa fase de sua vida: separação de um ente querido, uma desavença, a perda de pessoas ou objetos, etc. Nos animais é comum, após a chegada de um outro animal, o nascimento de uma criança, morte de uma pessoa, um castigo, etc. O "mal sentir" desequilibra a "Energia Vital" (força imaterial que anima e mantém a harmonia entre os órgãos) do indivíduo, e a cura é feita de três eventos: o organismo sofre um desarranjo bioquímico (constatado pelos exames de laboratório), um fisiológico (sensações físicas como: dores, calafrios, vômitos, etc.), finalmente, a doença se instala no físico.

Estas três fases podem aparecer em espaço de tempo variável, ao mesmo tempo ou separadamente, e a duração é por tempo indeterminado.

Na maioria dos casos, a doença se manifesta, fisicamente, nas partes mais superficiais do corpo e vai "caminhando" para o interior, tomando, finalmente, os órgãos mais importantes para a manutenção da vida.

Na consulta homeopática, além do exame físico e laboratorial, quando recomendado, o homeopata registra o maior número possível de sintomas mentais, gerais e locais do paciente para, posteriormente, escolher o "medicamento único" que será prescrito.

O medicamento, logo após entrar em contato com a mucosa oral, vai reequilibrar a "Energia Vital" que estimulará o organismo a voltar ao seu estado de saúde. A cura de um paciente se dá obedecendo-se uma lei natural, enunciada, pela primeira vez, pelo médico homeopata Constantine Hering (1800-1880): "A cura se dá de dentro para fora, de cima para baixo, do órgão mais vital para um menos vital ou as lesões e os sintomas desaparecem na ordem inversa de sua aparição".

O conceito errado sobre a lentidão do efeito da homeopatia é justificado pelo seguinte fato: quando um cliente recebe um tratamento homeopático para um problema crônico de pele e outro respiratório, por exemplo, o organismo, ajudado pelo medicamento homeopático, eliminará, inicialmente, o "mal sentir", que é a causa verdadeira da doença, e depois ou simultaneamente prevenirá o aparecimento de lesões mais profundas no organismo, expulsará os problemas respiratórios e, finalmente, o problema de pele. Assim, tem-se a falsa ideia de que a homeopatia é demorada, pois o problema de pele persistiu por mais tempo. Na realidade, a "Energia Vital" estava cuidando, primeiramente, da causa da doença e dos órgãos internos mais importantes para a vida, para depois cuidar dos mais importantes para a aparência ou estética.

De acordo com a "lei de cura", válida para todos os tipos de técnica terapêutica, quando nós temos, por exemplo: eczema, depois asma, em seguida pneumonia, e as próximas lesões são mais graves ou em órgãos mais importantes para a vida, nós estamos caminhando para a morte prematura. Ao contrário, se fazemos um tratamento para a pneumonia e ela desaparece, depois volta a asma, ela é curada e, em seguida, aparece o eczema, o nosso corpo está sendo beneficiado pelo tratamento, para "...que nosso espírito racional que nele habita possa servir-se livremente desde instrumento vivo e saído para cumprir o mais elevado objetivo de nossa existência", como nos diz Samuel Hahnemann, considerado o pai da Homeopatia, em seu livro "Organon da arte de curar".

► **ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO** é médico veterinário (UFMG), homeopata (IBEH), mestre (USP) e pesquisador científico (IZ-SAA)

CHARGE



EDITORIAL

De nada adiantou resistir

ANTONIO LARA

A economia global apresenta riscos muito maiores do que todos nós poderíamos imaginar. O principal deles consiste no fracasso de grandes países da periferia em tentar monitorar moderadas desvalorizações cambiais. Pequenos ajustes iniciais, como o estabelecimento ou não de bandas, acabam gerando um ciclo perverso no qual expectativas por maiores desvalorizações forçam sua realização. Portanto, o que é possível nas nações centrais - pequenas desvalorizações estimulando investimento externo - não o é para a periferia. Provaram-no o México em 94, depois os NIC's da Ásia e a Rússia em 97 e 98, e agora o Brasil. De nada adiantou resistir, tentar administrar bandas e elevar os juros às nuvens.

Em brilhante ensaio para o *Foreign Affair* - no final de 98 - Paul Krugman discute a natureza perversa das crises atuais. Lembra não ser convincente a ideia de que essas economias estejam sendo punidas por suas fraquezas e erros. Primeiro, porque a escala da punição - colapso nos níveis de produção e emprego - parece inteiramente desproporcional ao crime. Além disso, se a culpa é de cada país, por que tantos tombam na mesma época? Sua resposta é que o mundo não se tornou vulnerável porque deixou de reformar suas políticas econômicas, mas sim porque essas políticas passaram por reformas: liberação da movimentação internacional de capitais; desregulamentação dos mercados financeiros internos; restabelecimento da estabilidade de preços e maior dificuldade de preços e maior dificuldade de corer a dívida interna; e disciplina fiscal restrita de gastos públicos anti-recursos.

Não há início dos anos 20, John Maynard Keynes deu famoso alerta contra a indiferença aos problemas de curto prazo lembrando que, no longo prazo, estaremos todos mortos. Pode ser exatamente essa questão que agora envolve nossa política de juros. Sabemos que ela é totalmente suicida no médio prazo. Mas parece não ajudar sequer no curto prazo.

Os impactos das recentes crises nos países centrais ficaram contidos dentro de limites minimalistas. Já na grande periferia do capitalismo, países com escala de mercado e tamanho de PIB que os obriga a se inserirem na lógica global vêem-se continuamente imersos em profundas crises que lhes impõem violentas desvalorizações e recessões.

Robert Mundell, economista canadense, tem uma teoria interessante. Ela é apoiada pelo lúcido Krugman, o único que preuiu em tempo a crise asiática de 97. Aqueles que pretendem operar na economia internacional têm de viver com um problema insolúvel. Gostariam de atingir simultaneamente três objetivos: ter liberdade para sua política monetária, em especial para a taxa de juros; manter taxas de câmbio razoavelmente estáveis; e preservar o fluxo livre de capitais e a livre convertibilidade de sua moeda. Mas só dois desses objetivos podem ser alcançados ao mesmo tempo. Esse dilema obriga os países a terem de escolher um entre os três regimes básicos: livre flutuação, câmbio fixo ou controle de capitais. De todos eles, a livre flutuação de câmbio parece ser a melhor, pois em tese permitiria aos países em crise manter políticas de livre mercado e retomar o crescimento econômico e dos empregos, por meio da redução dos juros.

Surge então a principal questão para o Brasil atual. Flexibilizado o câmbio, ao invés de baixar os juros, aplicou-se uma taxa absurda que, se continuar, forçar um aumento intolerável da dívida interna e uma recessão de proporções dramáticas. Essa política controversa certamente não ajuda a credibilidade do País. E pode levar essa recomendável política de câmbio flutuante rapidamente a um impasse. Os capitais externos de que necessitamos já estão sobrevalorizados em cerca de 30% e sabem que isso basta. Os que ainda parecem exigir juros elevadíssimos são os superpolíticos que querem ver logo. Ninguém pode confiar na estabilidade e no futuro de um país que os mantenha a quase 50% anuais.

Sabemos que baixar os juros radicalmente agora pode significar uma taxa real negativa por alguns meses - por conta da volta da inflação - e um estímulo ao consumo e à dolarização. Ainda assim, esse momento exige ousadia e coerência. A escolha melhor deve levar em conta que a saudável política de câmbio flutuante só será eficaz, para além da continuidade das reformas, como baixa imediata dos juros. É nossa única oportunidade de sair do turbilhão, assumir as perdas e voltar a crescer. Mantê-lo nesse nível ou reduzi-lo lentamente pode significar mais perdas e nenhuma solução.

ANÁLISE

Em defesa da Justiça do Trabalho

LAÉRCIO TREVISAN JR.

A proposta de reforma do Judiciário, recém-apresentada pelo deputado Federal Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP), não pode prosperar. Além de não combater a morosidade do Judiciário prejudicial mais ainda o bom atendimento à população.

Na proposta, o deputado chega ao absurdo de propor a extinção da Justiça do Trabalho, com a incorporação de suas atribuições pela Justiça Federal, que já está sobrecarregada. Além disso, aprecia e julga realidades diversas daquelas da Justiça Trabalhista.

Esta proposta desmascara de vez a política do Governo Federal. Chegamos ao absurdo de termos frentes de trabalho nas grandes capitais do País. São milhares de trabalhadores, muitos com curso superior, sendo contratados por um salário ínfimo para limpar ruas, consertar muros, etc. O que era uma medida de emergência, que os governos adotavam nos estados atingidos pela seca, hoje se torna uma realidade das grandes cidades.

Está o verdadeiro objetivo da proposta de se extinguir a Justiça do Trabalho. Se não há trabalho, para que justiça para julgar as questões oriundas das relações entre capital e trabalho? Esta proposta com certeza não vai vingiar. Está fadada ao fracasso. Não interessa nem aos trabalhadores e nem aos empresários produtivos. Afinal, os donos de empresa precisam de gente ganhando salários para vender seus produtos. Quanto mais desempregados menos negócios vão realizar. Por isso há tanta rejeição à proposta do deputado.

Nós, cidadãos conscientes, precisamos formar uma frente em defesa da Justiça do Trabalho. Pressionar os deputados federais, os quais não elegem o Brasil, para que eles a decisão final. A minha parte já estou fazendo. Além de denunciar a proposta estou enviando telegramas aos deputados eleitos pela nossa região, condenando este verdadeiro atentado contra os direitos dos trabalhadores brasileiros.

Chegamos a um momento perigoso, os meios de comunicação, com ressalvas, tentam denegrir o Judiciário como um todo. Relatam fatos isolados, mazelas pessoais de agentes públicos (juizes), generalizando estes casos como se fossem todos culpados pelos desmandos. Ora, em qualquer profissão, órgãos públicos, entidades, também existem estes tipos de acontecimentos, precisamos sim separar o joio do trigo.

Não podemos suportar este quadro social tão deteriorado em que estamos vivendo. O aviltamento dos problemas são fatores que agravam a situação. Não podem os responsáveis exigir sacrifícios somente do povo. Ao contrário do que propõe o deputado, nós necessitamos de um judiciário forte, democrático e com homens honrados, para resguardar os direitos do povo brasileiro.

► **LAÉRCIO TREVISAN JUNIOR** é advogado e presidente Sinistral - USP

FRASES

"A fê sem obras é morta. Qual o proveito em dizer que tem fê mas não tem obras?"
São Tiago

"Não pode haver coragem mais potente do que um coração limpo. Está três vezes armado quem defende a causa justa; ao passo que está nu, ainda que de aço revestido, o indivíduo de consciência manchada por ciúmes e injustiças".
Shakespeare

LOUVOR

Salve Rainha do céu azul

OLENIO F. SACCONI

Sai hoje do meu estilo para adentrar a seara de algumas colegas de página, mais ligadas às coisas do céu e da fé do que eu, e cujos artigos merecem o meu maior respeito.

Não bastasse eu ser Maria, o mesmo nome da Mãe de Todos Nós, a minha mãezinha ainda é Aparecida, ou mais precisamente Aparecida, com dois pés.

Maio é o mês de Maria, é o mês das mães e é o mês do aniversário da minha querida mãe.

Pois bem, eu devia ter escrito estas linhas em sua homenagem em maio. Mas não foi possível. Contudo, considerando que "Dona Aparecida", como meu pai a chamava, tem dois aniversários: um em maio, na data que coincide com o seu efetivo nascimento, e outro em junho, na data em que foi registrada em cartório e que consta da sua Certidão de Nascimento, a homenagem ainda está em tempo.

Minha mãe nunca quis festa de aniversário, e tem lá as suas razões para não querer. Uma delas é o fato de o seu pai, meu avô, ter falecido exatamente no dia do aniversário, real, dela: 23 de maio. E como presente se contenta com pouco. Este ano, estou certo de que esta crônica, falando de sua participação ativa no movimento religioso organizado em seu edifício, a fará feliz. Eis aqui, então, o meu presente.

Edifício "Céu Azul". Como lembra sua amiga e xará Aparecida, não bastasse morar no "Céu", ainda moramos num "Céu Azul", que é sinônimo de paz, de tranquilidade e, de quebra, é a cor do manto de Maria, a Nossa Senhora.

Mas o que a minha mãe queria mesmo que eu falasse em um dos

meus artigos, e agora estou falando, é que há quatro anos nos um grupo de senhoras lá do prédio se reuniu e formou um grupo de oração, que não é só de oração, como direi em seguida, que se reúne uma vez por semana para fazer novenas, para rezar o terço e, em ocasiões especiais, como no Natal, para participar da celebração da Santa Missa no salão de festas do edifício. As componentes do grupo reúnem-se no dia marcado, a partir das 15 horas, jogam um pouco de conversa fora, põem o papo em dia e depois rezam até quase às 17 horas. Esse compromisso para minha mãe é esperado e é sagrado. Não pode faltar.

O grupo reza pelas pessoas doentes do prédio, por parentes e amigos que necessitam de oração. Faz coletas entre os condôminos, de donativos, roupas e mantimentos para ajudar os necessitados. São tradicionais, na época do Natal, as cestas para famílias carentes, organizadas pelo grupo de senhoras.

A sugestão que o grupo deseja passar é que outros prédios de apartamentos sigam o exemplo, formando seus grupos de oração.

Como é próprio do Céu ter anjos, as senhoras do "Céu Azul" são os "anjos" que rezam pelas pessoas, inclusive por este escriba, que réu confesso, ando meio distanciado das coisas celestiais. Se Maria Imaculada é a Rainha do Céu, portabela, é a Rainha do "Céu Azul", que, via de consequência, é um edifício abençoado.

Para encerrar: Viva Maria, Rainha do Céu, viva Maria Rainha do "Céu Azul", viva Maria, a Aparecida, minha querida mãezinha (e todos respondem: vivaaaaaa!).

JORNAL DE PIRACICABA

- J.R. Losso (1939-1942)
- Eugênio L. Losso (1939-1974)
- F. Losso Netto (1939-1985)

- Diretor
- Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso
- Diretor
- José Rosário Losso Netto
- Diretor Executivo
- Lourenço Jorge Tayar

HÁ 30 ANOS

Críticas

"O vereador Jaime Pereira criticou na sessão de ontem a Secretaria de Obras e Assuntos Rurais por entender que as obras realizadas por esse órgão não estão correspondendo aquilo que se esperava".

Acidente

"Um trágico acontecimento ocorreu a festa aviatória realizada domingo na cidade de Americana. O pára-queadas de Norma Lucia Falro, 19 anos, não abriu e a jovem faleceu ao cair rapidamente no solo".

De volta

"Gaspar Bernacci Filho está de volta ao XV de Novembro. Sua contratação deu-se na tarde de ontem, quando foi chamado pela direção do alvinegro, tendo em vista a saída do preparador Cláudio".